

## RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

### **“SÓ PARA SABER DA SUA SAÚDE”: AS SIBILANTES PELAS MÃOS DE UMA JOVEM PORTUGUESA**

*Victor Carreao (vcarreao@yahoo.com.br)*

Nas primeiras décadas do século XX, durante os eventos da Primeira Guerra Mundial, muitas cartas foram escritas e enviadas aos soldados na linha de frente deste conflito. Aqui, apresentaremos uma amostra de nove cartas escritas por uma noiva portuguesa ao seu noivo, um soldado português do ‘Corpo Expedicionário Português’ na França, e investigaremos a variação no registro escrito dos sons sibilantes nessas cartas, especialmente em sua linguagem formulaica. Estas são as únicas cartas do ‘Arquivo de Cartas Esquecidas’ (Projeto FLY) da Universidade de Lisboa escritas por uma mulher. Teyssier (1997) nos mostra que, em Portugal, o sistema sibilante variava dependendo da região onde os falantes estavam localizados. Essa diversidade foi, por muitos anos, refletida na maneira como as pessoas escreviam e isso fez com que os sons sibilantes fossem representados por <s> ou <ç>. De acordo com pesquisas com cartas pessoais (cf. Rumeu, 2010) e a metodologia de pesquisa da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009), buscamos nas cartas desta escritora e nas de sua rede social (cf. Milroy, 1987), cinco cartas de seu noivo e seus parentes, indícios da pressão normativa/gramatical em relação à

representação escrita das sibilantes. As cartas da noiva apresentam caligrafias diferentes. É possível aventar dois cenários: (i) uma única mão escreveu todas as missivas; ou (ii) diferentes mãos escreveram as missivas. O site do Projeto FLY ressalta que as cartas da noiva provavelmente foram ditadas. Ao analisarmos as caligrafias das cartas, todas são muito parecidas, logo não se pode dizer com certeza que as cartas foram ditadas ou não. Porém, o uso de diferentes formas de tratamento poderia revelar o estilo de escrita de diferentes mãos. Nesse cenário, poderíamos ter quatro possíveis mãos escrevendo as cartas: Autor A, para uma carta com ‘Senhor’ (‘Snr’) como forma de tratamento; Autor B; para duas cartas com ‘Ilustríssimo Senhor’ (‘Illm Snr’) em suas aberturas; Autor C, em cinco cartas iniciadas com ‘meu querido amor’; e Autor D, em uma carta sem forma de tratamento em sua abertura. Entre eles, o Autor C é aquele em cujas cartas podemos identificar melhor a pressão normativa da época. As palavras ‘saudades’ e ‘saúde’ são comumente encontradas na linguagem formulaica das cartas da época, no trecho “escrevo para saber de sua saúde”. Por isso, essas e outras palavras que começam com sons sibilantes foram analisadas nas aberturas dessas cartas. Para o Autor C, ‘saudade’ é escrito com <ç> na primeira letra, em 1917, mas é escrito com <s> em três letras de 1918 e em uma letra em 1919. A palavra ‘saúde’ é escrita com <ç> nas duas primeiras letras de 1918, mas sua grafia alterna com <s> nas duas últimas letras de 1918 e na última, de 1919. Uma rápida investigação sócio-histórica nos mostra que a instabilidade entre <s> e <ç> para os sons sibilantes nessas letras pode ter suas raízes no pouco acesso à educação formal nas áreas rurais e nas limitações impostas às mulheres na época.

Palavras-chave: sociolinguística histórica; cartas pessoais; sibilantes; ortografia.